ciadas saíram dos quartéis, atravessaram as ruas em correcta formação, indo acampar na Serra de Monsanto, onde Aires de Ornelas, na manhã de 23, hasteava a bandeira azul e branca com as tropas em continência. Os revoltosos dispunham de 28 peças de artilharia, figurando ali as baterias de Belém, Ameixoeira, Graça, Queluz, Artilharia I, Artilharia 8, esquadrões de Cavalaria 2 e 4, companhias de C.G.L. e 120 civis comandados pelo capitão Júlio da Costa Pinto. As forças do Governo eram, na maior parte, os batalhões de voluntários treinados sumariamente na praça de toiros do Campo Pequeno pelo escritor e militar André Brun e outros e ainda a Guarda Republicana e forças regulares e apoiada pelo Batalhão da Marinha. O comando geral das forças fiéis ao Governo da República fora confiado ao general Vieira da Rocha. O então capitão-tenente Afonso Cerqueira comandava a coluna da Marinha. Durou dois dias o cerco das forças republicanas ao arraial monárquico. Luta fratricida entre filhos do mesmo País. A 24 de Janeiro, os revoltosos rendem-se às forças governamentais. Faltavam quinze minutos para as 5 horas da tarde.

Chico Stromp, alferes de artilharia da Ameixoeira, obedecendo aos seus oficiais superiores, saiu com o regimento e foi acampar no alto de Monsanto. Disciplinado, sem paixão política, cumpriu as ordens recebidas. Nos dois dias de luta, ele impôs-se pela bravura, fora mesmo destemido, mais por fraternal camaradagem e espírito de equipa, que pela sua vontade de contribuir para a restauração da Monarquia. Jamais poderia esquecer que era filho do Dr. Francisco dos Reis Stromp, homem visceralmente democrata, um desinteressado construtor da República. Mas, uma vez integrado no xadrez de forças do Forte da Ameixoeira, Chico Stromp cumpre ordens vindas de cima, naquela hora em que um sopro da História o empurra para a luta.

Soa a ordem de rendição nas trincheiras rebeldes, — e o meu biografado muda de atitude: — Render-se, quem?: ele, Chico Stromp?! Não, nunca! Não ia erguer os braços e caminhar passivo para os seus adversários de dois dias de luta fratricida! — De coração alvoroçado, contemplou os camaradas depondo as armas, resignados e expostos a qualquer represália da falange vencedora. Receou o pior: o fusilamento, a vingança torpe e sectária... Perto dele, um pobre cavalo pastava, alheio à luta e às tricas dos homens.
O animal estava em pêlo, despreocupado, saboreando as ervas e o sol daquele fim de tarde.
O alferes calculou os passos que o separavam da montada, e correu...

Escarranchado, e de mãos fincadas nas crinas, bateu com os tacões das botas no ventre do animal e fê-lo correr na direcção do anel humano vitorioso. E romanticamente, exposto — qual cavaleiro valente e destemido das histórias ouvidas em menino — ele galgou e venceu todas as linhas de fogo... Mais tarde, bem pôde avaliar a inutilidade e o enorme risco dessa aventura, pois as forças republicanas foram, após a rendição, de uma tolerância e tamanha magnanimidade, que só honraram a terra e a gente portuguesa.

Jorge Vieira - o seu grande amigo e futuro capitão sportinguista, que lhe recebeu o facho e os ensinamentos - confessou-me, recentemente, cheio de ternura: Quando da revolta de Monsanto, eu estava na Avenida Almirante Reis e sentia passarem por cima de mim as granadas de uma bateria governamental que estava na Penha de França. Mal sabia eu que estavam a atirar sobre o Chico!